



TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
Vol. 35 (4)

ACTAS VIII

1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

**1.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VIII

LIÇÃO DO CÔA - PONTO DE VISTA DE UM REPÓRTER

por

José Gomes Bandeira*

1. Era como se as pessoas sentissem que lhes queriam tirar algo de transcendente e poético, qualquer coisa que lhes materializava a memória e o sonho e as levava ao encontro de coisas aprendidas já não sabiam onde. Tudo o que estava à sua frente — contornos sobrepostos de animais de múltiplas dimensões, gravados no xisto há milhares de anos — lhes parecia agora familiar. O olhar, as palavras e os gestos repetiam finíssimos e, por vezes, imperceptíveis traços que se iam descobrindo na face da rocha. A visita de Mário Soares, quando a aceleração das obras radicalizara a polémica, tinha levado muita gente ao vale do Côa nesse dia inesquecível dos meados do Inverno.

2. Com o andar do sol e o enfraquecer da luz avivavam-se as formas dos bichos e durante horas as pessoas subiram e desceram a encosta para ver de perto as gravuras rupestres. Um pequeno grupo, junto à famosa «rocha nº 1», na Canada do Inferno, ouvia Antonio Beltrán que fazia surpreendentes comparações entre os cavalos e os auroques gravados no alto da pedra onde agora apoiava a sua mão cansada e as pinturas, que conhecia em pormenor, das grutas de Lascaux e Altamira. «As gravuras do Côa são fantásticas», dizia. O velho catedrático de Saragoça, mais de sessenta anos de investigações sobre arte paleolítica no currículo, estava tão emocionado como aqueles que o ouviam.

3. Agora, decorridos que estão estes (tão longos) meses, recordo aquela tarde de silêncios e de espantos, de tensões e ansiedades, e pergunto-me se as obras da barragem não ficaram definitivamente interrompidas pela magia, que tanta gente era capaz de testemunhar, das vozes longínquas que «perturbavam» a quietude do esquecido afluente do rio Douro naquela tarde de Fevereiro. Não, não

* Licenciado em Direito (Universidade de Coimbra); jornalista do JN.

era possível afundar um tal museu. A «lógica» da barragem acabava de ser destruída pela alegria dos cânticos gravados nas rochas e que, finalmente, vinham ao nosso encontro.

4. Já se sepultou muita da memória cultural e patrimonial existente em território português. Depois de Foz Côa é difícil conceber que tais situações se repitam, como até há pouco, no silêncio e na impunidade. Quando se acorda tarde para o problema dos recursos hídricos, um sítio paleolítico como o de Foz Côa não pode servir de alibi para o desleixo e a incompetência. A mobilização internacional em torno deste problema, marcado pelo facto inédito das manifestações a favor da arte da Pré-História, tornou verdadeiramente simbólico este empenhamento pela defesa das gravuras rupestres do norte de Portugal. A suspensão do projecto da barragem tem um significado que não se circunscreve à zona do «conflito». O fim desta barragem mal pensada acompanha uma denúncia e um protesto, partilhados nos jornais e nas ruas de diversos países, contra as decisões que desprezam patrimónios como o de Foz Côa ou que invocam razões da cultura apenas quando elas lhes são particularmente vantajosas...

5. Se nos lembrarmos bem, podemos ver que foi o próprio Côa quem deu a melhor ajuda para o defender dos ataques às riquezas que «escondia»: quando os senhores do poder queriam diminuir o seu valor, mais e mais belas gravuras se descobriam nas encostas; quando «peritos» lhes queriam roubar os anos, novos achados surgiram em escavações; quando ensaiavam o arrancar das pedras, sabia-se de centenas de mais gravuras já afundadas pelas obras, e ainda de outras que se estendiam por quilómetros de vale; quando alguns falavam de «rabiscos», vinham arqueólogos de toda a parte e confessavam-se deslumbrados.

Quando «investidores» faziam as suas contas, veio um Governo e devolveu Foz Côa à região, ao país e ao mundo.

6. Finalmente, os nossos arqueólogos souberam prescindir de «lições» encomendadas por terceiros. Com os achados do Côa, a Arqueologia portuguesa também iniciou uma mudança.



Dois aspectos da visita de membros do governo às gravuras de Penascosa em Novembro de 1995. Fotos: J. Paulo Coutinho.



Membros do governo e arqueólogos convivendo em frente ao conjunto de gravuras paleolíticas de Penascosa (Novembro de 1995). Foto: J. Paulo Coutinho.

SALVAR O CÔA: O MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA A SALVAGUARDA DA ARTE RUPESTRE DO VALE DO CÔA

por

Mila Simões de Abreu*

Talvez nunca tenha havido um movimento em Portugal como aquele pela salvaguarda da arte rupestre do Vale do Côa. Ao longo de um ano a contestação contra a construção da barragem e em favor das gravuras foi subindo de tom.

Primeiro foram os arqueólogos a levantar a voz mas com o passar do tempo o *Movimento* foi abrangendo toda a sociedade portuguesa. Atravessou partidos, classes, grupos económicos, interesses culturais e gerações. Durante doze meses houve encontros, debates, conferências, manifestações, abaixo-assinados, petições, discussões no parlamento e visitas de políticos. Escreveram-se cartas de protesto, manifestos, documentos e centenas de artigos de jornais. Fizeram-se exposições, concertos, acampamentos, jejuns, vídeos, pinturas murais, programas de rádio e de televisão. Entre as 30.000 assinaturas recolhidas durante o jejum de protesto à frente dos Jerónimos figuravam, é verdade, os maiores nomes do panorama cultural Português mas estavam acompanhadas por milhares de nomes anónimos de portuguesas e portugueses que pediam para que as obras de construção da barragem fossem suspensas e que fosse criado um Parque Arqueológico no Vale do Côa. No campo político não foi só o Presidente da República, Mário Soares que defendeu as gravuras. Do mesmo lado vimos deputados de todas as bancadas como Eurico Figueiredo (PS), Nuno Ribeiro da Silva (PSD), Paulo Velez (PCP), José Queiró (CDS-PP), Heloisa Apolónia (Verdes) e Mário Tomé (UDP). Até o Ministro dos Negócios Estrangeiros, do então Governo de Cavaco Silva, Durão Barroso manifestou-se pela conservação das obras Paleolíticas. Os próprios defensores da barragem (o ex-Ministro Mira Amaral, o Presidente de Vila Nova de Foz Côa, os administradores da EDP...) nunca tiveram coragem de ir para além de

* Arqueóloga, especialista de arte rupestre. Representante portuguesa da IFRAO.